

## A voz instrumental na Música Popular Brasileira

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: SA5. Performance musical

*Natália Lacueva Lepri*  
*Universidade Estadual de Maringá*  
[natalialepri@gmail.com](mailto:natalialepri@gmail.com)

**Resumo.** A voz na música popular brasileira é utilizada de diversas maneiras, tanto nas canções quanto na música instrumental. O presente artigo se propõe a elucidar alguns problemas enfrentados pelos cantores na prática da voz instrumental. Para tanto, analisam-se os caminhos percorridos por quatro cantoras atuais de diferentes contextos que se utilizam da voz instrumental em suas performances e que contribuíram com o tema através de entrevistas semi-estruturadas nos anos de 2022 e 2023.

**Palavras-chave.** Voz instrumental, Cantoras instrumentistas

**Title.** The Instrumental Voice in Brazilian Popular Music

**Abstract.** The voice in brazilian popular music is used in different ways, both in songs and instrumental music. This article aims to clarify some problems faced by singers when practicing instrumental voice. To this end, it will be analyzed the paths taken by four singers who use the instrumental voice in their performances and who contributed to the topic through semi-structured interviews in the years 2022 and 2023.

**Key words.** Instrumental voice, Instrumental singers.

### Voz instrumental: alguns desafios da prática

Antes de mais nada, é necessário que se entenda a voz como um objeto multifacetado. Muitas disciplinas se debruçam ao seu conhecimento, como por exemplo a fonoaudiologia, a etnomusicologia, a fonética e até mesmo a psicanálise, pois são necessárias muitas áreas do saber trabalhando juntas para desvendar toda a sua potencialidade e, ainda assim, a complexidade da voz transborda, sendo necessário um recorte minucioso do que vamos tratar neste artigo.

Como um instrumento de sopro, se utiliza da respiração, um instrumento de cordas que se utiliza das cordas vocais e um instrumento de percussão que se utiliza da articulação, podemos entender que a voz dá origem a vários outros instrumentos. Além de toda essa potencialidade sonora, ainda articula palavras, sendo o único instrumento que caracteriza a

canção propriamente dita. Em síntese, a voz é um instrumento completo em que se dá a relação entre o verbal e o musical.

No presente artigo visa-se focar na voz como instrumento no ambiente da música popular brasileira, tanto na canção quanto na música instrumental. A hipótese que se levanta é que a voz pode ser entendida como instrumental quando se apropria do idiomatismo de outros instrumentos para a construção da performance.

Em minha pesquisa de mestrado, entrevistei quatro cantoras que assumem o papel de instrumentistas em seus trabalhos, afim de encontrar pontos divergentes e convergentes em suas práticas, quais estudos são necessários para que o cantor possa desenvolver as habilidades instrumentais na sua prática. As cantoras escolhidas foram: Ana Malta, Dani Gurgel, Ilessi e Vanessa Moreno, que muito contribuíram para resultados satisfatórios.

Em uma entrevista semi-estruturada foram formuladas questões acerca de como a voz é entendida no ambiente de trabalho pelos outros instrumentistas, como a voz é percebida por contratantes, curadores e público em geral e quais estudos viabilizam a prática dessas cantoras que fazem o uso da voz instrumental.

Tais questões são oriundas da minha própria prática como cantora em que, por diversas vezes, enfrentei dificuldades em ser entendida como música e tive espaços de atuação reduzidos dentro da minha prática artística e não encontrei um caminho organizado que balizasse meus estudos na voz instrumental. Elucidemos então, a partir do entendimento da voz no papel de instrumento musical.

O diferencial essencial da voz é que ela é o único instrumento que, além do som, já carregado de significados, tem a capacidade de produzir palavras, mas não é só isso. Também é o instrumento que possui uma gama enorme de timbres, já que existe uma infinidade de seres humanos, uma infinidade de corpos diferentes capazes de produzir organizações corporais diversas, uma infinidade de culturas sonoras e potentes, proporcionando resultados sonoros únicos, pessoais e inéditos. É praticamente exponencial a quantidade de sons possíveis provenientes da voz humana. Como dito no início, são necessárias muitas áreas do saber trabalhando juntas para desvendar toda a sua potencialidade.

Na música popular brasileira a voz tem papel fundamental, também pudera, o Brasil tem um cancionário muito forte e solidificado e o único instrumento capaz de articular as palavras é a voz. Apesar disso, alguns intérpretes e compositores utilizam-se dos recursos vocais

para além das palavras. É o caso de intérpretes como Leny Andrade, Flora Purim, Tânia Maria, que mesmo em canções, extrapolam o uso do texto, e de compositores como Hermeto Pascoal, Toninho Horta, Guinga entre outros que se utilizam dos recursos vocais para além o texto, utilizando-se assim, a voz de maneira muito mais instrumental do que textual.

Mas afinal, o que é a voz instrumental? Antes de responder a essa pergunta, é necessário que se entenda qual a necessidade de se conceituar o termo, os prós e contras que um conceito pétreo pode gerar na prática. Em entrevista realizada em janeiro de 2023, no processo da pesquisa de mestrado, a cantora Vanessa Moreno ressalta:

Eu prefiro não definir, embora em muitos momentos isso aconteça, mas quando eu penso em definir ela tira para mim a essência do que é esse testar, esse brincar, esse permitir-se. Se eu for falar num lugar assim, né... é me permitir, é achar novos espaços, é cavar possibilidades diferentes, mas quanto mais eu penso, quanto mais eu tento trazer para um lugar formal, mais eu sinto que não faz sentido, para mim, na minha prática, na hora de eu testar, na hora de eu brincar e colocar para jogo (SILVA, 2023, apud LEPRI, 2023, p. 25).

Vanessa expõe que a prática da voz instrumental é uma prática experimental, um espaço em que ela se permite brincar, testar possibilidades. Uma prática livre de rótulos, por isso tão espontânea. Porém, alguns percalços de ordem social e cultural são encontrados quando não se entende a voz instrumental com propriedade.

Pelo ponto de vista da cantora Dani Gurgel:

DANI GURGEL: Eu acho que é importante para o papo e não para a música. [...] irrita muito essa necessidade de ter que definir o seu som dentro de uma caixinha para poder colocar na... no festival de sei lá o que, festival disso, festival daquilo, é a *playlist* disso é a *playlist* daquilo. Eu acho que a gente podia só fazer música com o que a gente está a fim de fazer aquela música e comunicar com as pessoas, e as pessoas que estão ouvindo, elas não precisam botar a gente em caixinha, também, né? (GURGEL, 2022, apud LEPRI 2023, p. 25-26).

O primeiro ponto a ser entendido é que a voz é um instrumento. O que parece óbvio nem sempre é percebido pelos ouvintes que associam à voz diretamente às canções. O segundo ponto é que, se a voz é um instrumento, o cantor é um músico. Tratam-se de duas obviedades que nem sempre estão entendidas de maneira clara pelo público, pelos curadores e principalmente por outros músicos, fazendo com que o cantor enfrente uma série de problemas na prática de sua profissão. Em entrevista, a cantora Ilessi, aponta:

ILESSI: Eu acho que essa coisa do termo *voz instrumental* é um termo que a gente precisa usar, mas é um termo absurdo na verdade... porque a voz é um instrumento.

NATÁLIA: É um termo que é redundante, né?

ILESSI: Exatamente. Eu entendo a necessidade de usar, mas não tem sentido (SILVA, 2022, apud. LEPRI, 2023, p. 26).

Ainda na fala de Ilessi, a cantora relata um problema que viveu, que pode ser identificado por várias cantoras e cantores em suas vivências profissionais:

ILESSI: Tem um pianista que eu amo de paixão, que é o \*\*\*\*\*, que ele, eu não conheço ele pessoalmente, e assim que eu cheguei em São Paulo, ele falou assim: “Cara, você tem que cantar”, aí me indicou para um trabalho, e falou assim: “procura tal pessoa, produtora tal, num esquema assim assim assado e tal”, eu fui procurar a figura; ela disse que eu não podia participar do projeto porque era um projeto instrumental. Aí eu falei: “Sim, mas eu sou cantora, meu instrumento é a voz e eu vou fazer o projeto...” - “Ah, não, mas nós não aceitamos voz [produtora]”. **NÓS NÃO ACEITAMOS VOZ.** É um projeto instrumental sistemático, que acontece toda a semana, abertura de shows em casas grandes e tal, e eles não aceitam voz. Que que é isso? Se não é isso reserva de território? Entende? (SILVA, 2022, apud LEPRI, 2023, p. 26).

É neste ponto que encontramos um impasse. Se por um lado a definição do termo *voz instrumental* pode gerar uma deficiência criativa nas cantoras e cantores, por outro lado, não o definir faz com que curadores, músicos e público não reconheçam o óbvio: a voz é um instrumento. A resolução não está na definição, mas no amplo conhecimento acerca das habilidades técnicas e musicais que irão estabelecer quando a prática vocal se baseia instrumentalmente.

Como já comentado, a hipótese que se levanta é a de que a voz instrumental é a construção da performance vocal através do idiomatismo instrumental. Mas o que é idiomatismo? Em 2021 três pesquisadores debruçaram-se a realizar um panorama sobre a abrangência da utilização do termo idiomatismo em pesquisas acadêmicas. Os resultados encontrados foram:

- A) Idiomatismos instrumentais, sendo este o conjunto de peculiaridades e procedimentos técnico mecânicos referentes a um determinado instrumento musical, ou voz. Essas peculiaridades se referem a qualidades timbrísticas, variações de registros e articulações e combinações de alturas.
- B) Idiomatismo composicional, estando este relacionado a uma determinada linguagem composicional, com características motívicas, melódicas, harmônicas, rítmicas, tonais ou não, presentes em uma determinada obra musical. A análise desses elementos auxilia na identificação de uma determinada identidade composicional.
- C) Idiomatismo interpretativo, onde a concepção interpretativa, de uma determinada obra, gênero ou estilo musical é desenvolvido a partir do uso dos elementos que caracterizem a sua coerência estilística.

D) Improvisação idiomática é o emprego de elementos idiomáticos provindos de um determinado gênero musical no momento prático da improvisação musical. Tal técnica consiste em configurar elementos motivicos de diversos gêneros ou estilos musicais pré-estabelecidos, onde o foco é a expressão de um determinado gênero musical (ÁVILA; CONSTANTE; COSTA, 2021, p. 9).

Sendo assim, a prática da voz instrumental acontece quando a voz se apropria de:

1. Idiomatismos instrumentais (item A): a cantora ou o cantor constroem uma performance baseados no resultado dos processos mecânicos de outros instrumentos. Por exemplo: Se o instrumento escolhido for o tamborim, existem uma série de sílabas e timbres que aproximam a voz desse idioma. O mesmo acontece com outros instrumentos, sejam eles de qualquer natureza, como cordas friccionadas, piano, percussão, sopros, etc;
2. Idiomatismo interpretativo (item C): O mesmo acontece na interpretação de gêneros musicais específicos, que já carregam em si um idioma, frases melódicas e rítmicas que dão identidade ao gênero, também são pensados pelos cantores para a construção da performance vocal instrumental.

Boa parte dos grandes cantores de jazz, se não todos eles, utilizaram-se de técnicas e linguagens desenvolvidas pelos instrumentistas (sobretudo de sopra) como fonte de inspiração para o canto. E não são poucos os casos de grandes artistas do jazz que são tanto cantores quanto instrumentistas. Só para citar alguns, podemos lembrar Louis Armstrong, Chet Baker, Sarah Vaughan, Nat King Cole, Nina Simone, George Benson, John Pizzarelli e Carmen McRae, além dos instrumentistas que cantavam muito bem mas não se consideravam cantores profissionais [...] (NESTROVSKI, 2013, p. 23).

É importante entender que voz instrumental não acontece apenas na música instrumental, mas é totalmente possível que o pensamento instrumental, a apropriação do idiomatismo de outros instrumentos, também seja utilizado nas canções, nas palavras, no texto. O que podemos sim, é separar performances que se utilizam de elementos textuais, de performances baseadas no idiomatismo de outros instrumentos dentro do universo da canção.

São inúmeros os exemplos de performances de canções construídas com a gênese na palavra: Maria Bethânia, Ney Matogrosso, por exemplo, são intérpretes bem enraizados nas artes cênicas e no texto; Caetano Veloso e Arnaldo Antunes, que transitaram também pela música eletroacústica e à poesia concreta; além dos cancionistas como Luiz Tatit, José Miguel Wisnik, que se dedicam ao estudo da palavra dentro das canções, muito bem representados por

cantoras como Ná Ozzetti, Eliete Negreiros, Vânia Bastos, Tetê Espíndola. Seria um trabalho à parte nos dedicarmos à construção da performance na canção pelo viés da palavra.

Mantendo o foco na prática da voz instrumental, como e em que lugares a voz, com todos os seus recursos, pode assumir um idiomatismo instrumental no contexto da música popular brasileira? As entrevistas nos trouxeram resultados satisfatório para essas questões, visto que cada cantora tem uma trajetória diferente, porém culminam nos mesmos lugares de estudos.

**ANA MALTA:** Então a minha trajetória vem bastante dessa ligação entre as linguagens dos saberes das diversas pedagogias. Então tinha a pedagogia do canto lírico, a pedagogia do canto popular, do cancionista brasileiro e da música instrumental brasileira, então isso deu bastante argumento musical pra mim. Eu gosto de usar bastante esse termo, os argumentos, vocabulários musicais, pra depois, mais pra frente, realizar meu trabalho como cantora instrumental e também o meu trabalho autoral e tudo mais. (ÁVILA, 2022, apud. LEPRI, 2023, p. 70).

**DANI GURGEL:** Muito tempo depois eu comecei a cantar, então eu estava com uns dezoito anos já, tinha passado a adolescência inteira na música instrumental, quando comecei a cantar falei: “nossa que legal e dá para fazer tudo o que fazia nos instrumentos” e eu achava que se eu começasse a cantar eu ia ter que ter um instrumento ali para poder fazer alguma outra coisa e não precisava... nossa, eu posso inclusive ficar pensando nos instrumentos que eu toquei e emular o som desses instrumentos e testar uns timbres muito doidos, e testar coisas diferentes e testar sílabas, fui me apaixonando por tudo aquilo e hoje eu não toco mais nenhum instrumento. (GURGEL, 2022, apud. LEPRI, 2023p. 88-89).

**ILESSI:** A minha relação com o canto, eu sou uma pessoa muito da canção, eu sou filha da canção, eu preciso muito da palavra, é o que me dá mais prazer, é extrair a música da palavra, e aí eu acho que, isso é louco, porque, por exemplo, um disco como o “Dama de Espadas”, eu acho um disco altamente improvisatório, um disco altamente instrumental, apesar de ser um disco de canção também. (SILVA, 2022, apud LEPRI, 2023, p. 106)

**VANESSA MORENO:** Então na ULM (Universidade Livre de Música) nessa fase comecei a ampliar essa perspectiva, né... da voz sendo um instrumento, comecei a escutar nessa época, muito Filó Machado, que foi a pessoa que mais me... acho que deu vontade de estudar isso, principalmente a parte rítmica né, que é onde me chamou atenção num primeiro momento, mas falando de voz, né...(SILVA, 2023, apud LEPRI, 2023 p. 114).

As três cantoras citam em suas entrevistas caminhos de estudos diferentes que as levaram para a prática da voz instrumental. Ana Malta, iniciou seus estudos de maneira mais formal, possui uma visão muito clara de todas as potencialidades que desenvolveu e que a fizeram chegar na sua performance atual, a cantora é professora de canto popular no

Conservatório de Música de Tatuí e cantora da Vintena Brasileira, orquestra instrumental dirigida pelo pianista André Marques.

Já Dani Gurgel sempre atuou na música instrumental desde a adolescência e só despertou seu cantar na fase adulta, quando percebeu a potência do instrumento voz tanto para a composição, quanto para a performance. Hoje pesquisa através da linguística as sílabas mais viáveis a serem aplicadas na música popular brasileira além de seu trabalho artístico como cantora do quarteto DDG4.

Ilessi, por sua vez, encontra sua potência na canção, e baliza suas performances extrapolando o sentido das palavras através dos sons, timbres, síncopes e improvisação.

Vanessa Moreno, também possui um estudo mais formal assim como Ana Malta que começou na música erudita e culminou no canto popular brasileiro. Devido à sua relação com o violão, explora timbres, ritmos e improvisos em suas performances.

Entendemos nas entrevistas, que questões como ritmo, timbre, sílabas e improvisação são o objeto de estudo da prática da voz instrumental em comum a todas as entrevistadas. Encontra-se na dissertação um capítulo específico que destrincha cada uma dessas habilidades apontando um caminho para que outros cantores possam estudar e experimentar a prática.

## Considerações Finais

Como resultado das entrevistas cada cantora apresentou sua formação, caminhos de estudo percorridos e dificuldades encontradas dentro do ambiente musical. Ficou claro, inclusive entre as entrevistadas que existem muitas dúvidas sobre o tema e essas dúvidas culminam em vários problemas como: perda de espaço no ambiente musical, falta de reconhecimento da voz como instrumento e do cantor como músico além da escassez de materiais aptos para atender as especificidades de estudos para a prática da voz instrumental

Porém a dificuldade encontrada é a de que a formulação de um possível conceito pode atrapalhar a prática que é tão rica em criatividade. A partir da proposta de investigar a voz instrumental na música popular brasileira e o idiomatismo instrumental na performance vocal, o artigo buscou um olhar atento para os problemas enfrentados pelos cantores e apontar caminhos que pudessem facilitar a prática da voz instrumental num meio onde a voz é

culturalmente conectada à canção, além de pontuar elementos possíveis para compor um arcabouço teórico e prático para a seu desenvolvimento e difusão

Vimos que mais importante do que conceituar o objeto de maneira absoluta, seria organizar as habilidades da prática para que um número maior de cantoras e cantores pudessem balizar sua performance com recursos e ferramentas musicais a partir do idiomatismo instrumental. Entendemos que a organização proposta pode ser um ponto de partida para que pesquisas futuras aprofundem o conhecimento da voz instrumental dando suporte teórico e prático para os interessados em desenvolver essa habilidade específica.

## Referências

ÁVILA, Rafael Mendes; CONSTANTE, Rogério Tavares; COSTA, Jean Carlos Gomes da. *O idiomatismo na Performance Musical em Estado da Arte*. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 31., 06-10 dez. 2021, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa: ANPPOM, 2021. p. 1-13.

LEPRI, Natália Lacueva. *A voz instrumental na música popular brasileira: o idiomatismo instrumental na performance vocal*. 2023. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2023.

NESTROVSKI, Livia Scarinci. *Sambop: O Scat Singing brasileiro a partir da obra de Leny Andrade (1958-1965)*. 2013. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.